



GERALDO DE JESUS TOLEDO – Chefe da marcenaria: “Cadeiras e carteiras chegam totalmente destruídas para recuperação e as escolas que mais depredam são do Plano Piloto”

PATRIMÔNIO DESTRUÍDO

Vandalismo custa R\$ 13 milhões

Estudantes das escolas públicas depredam uma média de 250 cadeiras por dia

Cristina Fausta

O vandalismo nas escolas públicas do Distrito Federal custa, por ano, R\$ 13 milhões ao cofres do governo, ou seja, são jogados no lixo R\$ 65 mil a cada dia do ano letivo, considerando 200 dias de aulas. A depredação de cadeiras e carteiras é uma constante nas escolas. O Núcleo de Recuperação de Mobiliário Escolar recebe uma média de 250 cadeiras quebradas por dia. A mesma média é devolvida para as escolas de todo o DF. Os 22 funcionários se esforçam para dar conta do volume de trabalho.

O recurso que se perde com vandalismo seria suficiente para para a construção de cinco novas escolas, com 12 salas de aula, semelhantes à Escola Classe Araponga, em Planaltina. A quantia também daria para cadastrar 108.333 novas famílias, com até dois filhos, no Programa Renda Minha. Ainda seria o bastante para pagar mais de 1,3 milhão horas/aula aos cinco mil professores substituídos do banco de reserva que começa a funcionar esse ano.

Para o sociólogo da Universidade de Brasília (UnB), Flávio Testa, a raiz do vandalismo está dentro das famílias. Segundo Testa, a falta de limites na infância é uma falha da educação que contribui para a má formação do indivíduo.

— Tudo começa no âmbito familiar. Um criança que não respeita pai e mãe dificilmente terá um bom comportamento nas escolas. Hoje a educação é muito permissiva. Os filhos quebram brinquedos e ganham outros. Não há uma educação que o ensine a consertar ou reciclar esses objetos. Falta de limites na educação faz com que o criança reproduza esse comportamento na adolescência e na fase adulta — afirmou o sociólogo.

Testa reiterou que os pais e educadores têm de investir mais em consciência cívica.

— É importante que esses alunos saibam que estão tirando a oportunidade de outros estudantes de



EDNÉIA SILVEIRA – Diretora do Núcleo de Recuperação defende o envolvimento da família com a escola para resolver o problema

terem acesso a melhores condições de estudo — arrematou Testa.

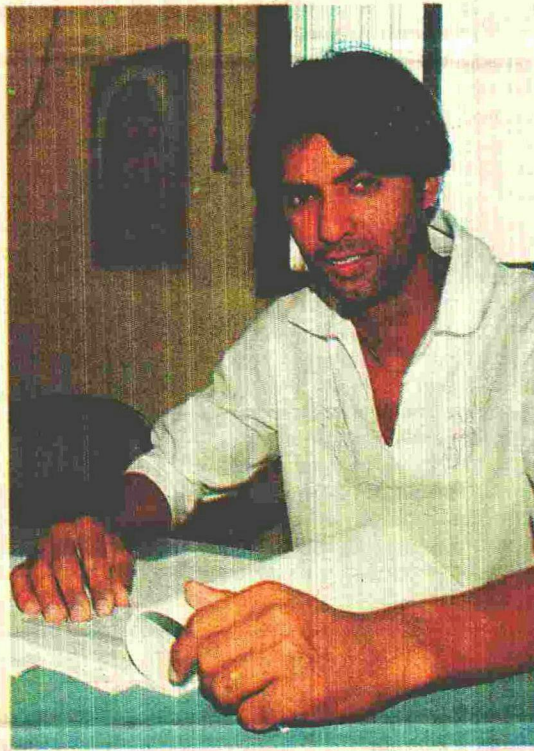
As escolas que mais depredam suas carteiras e cadeiras são as do Plano Piloto, segundo explicou o chefe de recuperação da marcenaria, Geraldo de Jesus Toledo.

— Todos acham que maioria das cadeiras quebradas vêm das cidades satélites, curiosamente, os alunos das escolas públicas do Plano Piloto são os que mais depredam o patrimônio — afirmou Toledo.

Estado do mobiliário

As cadeiras e carteiras chegam ao núcleo totalmente destruídas. A maioria do material vem das escolas de ensino médio, o que significa que os alunos tem plena consciência de seus atos.

— Muitas chegam aqui só no ferro. Outras chegam sem encosto ou acento. Esse material não é quebrado por criancinha não. Os alu-



MURILO MARCONE RODRIGUES – Vice-diretor do Centrão: “Os alunos são os guardiões da escola e ajudam a preservar o patrimônio”

O recurso perdido dá para construir cinco novas escolas, com 12 salas de aula

nos do ensino médio são quase adultos — comentou Toledo.

Para diretora do núcleo, Ednéia Silveira é necessário que haja um envolvimento da família com a escola para resolver o problema. Ela listou uma série de benefícios que os estudantes poderiam ter, caso não acontecesse a depredação do mobiliário.

— Esse dinheiro poderia ser utilizados para informatizar as escolas, investir em oficinas para professores e alunos e melhorar o espaço físico — listou a diretora.

Iniciativas

A diretora contou que o núcleo estuda um projeto para fazer com que o próprio aluno recupere o mobiliário que depredou. A proposta é envolver o conjunto das direções das escolas, comunidade e da Secretaria de Educação.

— Eu não acredito que o aluno fique insensível ao ver esse monte de cadeiras que esperam por recuperação. Acho que se eles botassem as mãos na massa nunca mais quebrariam as cadeiras — disse a diretora ao mostrar as centenas de cadeiras que ficam dentro de um matagal, antes da reciclagem.

O secretário de Educação, José Luiz Valente, disse que há várias ações do governo em curso para frear a depredação nas escolas.

— Temos o programa *Escola Consciente*, que tem como objetivo identificar os alunos que depredam as escolas e fazer com eles um

trabalho de conscientização para transformá-lo em um defensor da escola. Temos também o programa *Escola Aberta*, que envolve comunidade, alunos e professores. Esse programa permite que a comunidade possa usar a escola ao finais de semana para atividades de lazer. Esse envolvimento reduz a depredação das escolas — afirma Valente. Hoje, há 50 escolas participando do programa *Escola Aberta*. A meta do governo é ter 150 escolas até o final do ano.

Modelo a ser seguido

Os alunos do Centro Educacional nº 02 de Taguatinga, o Centrão, são exemplos a serem seguidos pelos estudantes do DF. Segundo o vice-diretor da escola, Murilo Marccone Rodrigues, os alunos são os guardiões da instituição.

— São alunos que ajudam a escola principalmente no que diz respeito a preservação do patrimônio. Isso é fruto de muito trabalho da direção, dos professores e servidores ao longo desses últimos cinco anos — afirmou Murilo Marccone.

No Centrão, são os próprios alunos que reformam as cadeiras e carteiras quebradas e há um grêmio estudantil que trabalha junto à direção em todos os problemas da escola, segundo informou o vice-diretor.

— É mais fácil que uma pessoa de fora estrague a escola. Quando isso acontece, os próprios alunos identificam esses problemas e avisam a direção. O vandalismo no Centrão é zero. Há quatro anos também não temos registros de brigas entre gangues dentro ou fora da escola — disse Murilo Marccone.

Durante o dia, a escola recebe alunos de ensino médio, com idades entre 13 a 18 anos. À noite, a colégio tem a educação de jovens e adultos, com alunos de 17 anos em diante.

Poesia

— Antigamente, passava boi, passava boiada. Hoje, só passa cadeira, é cadeira quebrada — diz o poema do professor Ivan Silveira Braga.